Ceará mestiço

OSVALD BARROSO*

MIRAGENS E TRAVESSIAS

Marco de miragens e travessias,
Porto sem cais, leito seco de rio
Habitado por vazio e correnteza
Água fugaz de áridas bacias
Em seu chão, nada perdura ou se fixa
Nem a secura conhece a certeza
Tudo se arrisca, mas direto não passa
Sonha, disfarça, divaga e vagueia
Errante e sem rumo, vagabundeia
Feito vela ao vento, jangada sem prumo
Ave sem pouso, que no ar borda rendas
Aranha a tecer tendas ao relento.

Neste País toda a vida é provisória
Arranha-céus, cidades, catedrais
Alicerces de ilusória eternidade
Com seus vitrais de sol e descampados.
Terra de barbatões desencantados
Cavaleiros andantes, claridades
Narrativa sem termo e sem início
Precipício sem antes nem depois
Ermo andor onde a vida se compôs
Em vastas solidões desencarnadas
Feito um ciclope de dor e poesia.
Bastião onde o mar é perecível
Pois um dia em sertão transmudará
Seu clamor de impossível maresia
Seu galope de ondas transportadas.

* Doutor em Sociologia; professor da Universidade Estadual do Ceará

Esta Pátria eu trago nos meus ombros
Feito rede de escombros encardida
Como teia de fundas cicatrizes
Mar de varizes, aguda ferida
Ao corpo, colada como tecida
Na pele em flor, em dor xilogravada.

Geografia de severas estiagens
Rotas de sangue, nômades heresias
Chão de sonhos e ásperas poesias
Que no ar se levantam em viagens
Arabescos, barroca arquitetura
De um bicho rarefeito em miragens
Olhos sujos de sal, cabeça chata
Feito um cão, um cachorro vira-lata
Que se ergue em solar iluminura.

ESPELHO DA MEMÓRIA

Em terras áridas, sob o sol do Equador, caldeando etnias de três continentes, índios, brancos e negros teceram um Ceará mestiço, cuja cultura, em síntese sempre inacabada, desafia permanentemente nossa compreensão.

Para mirá-lo será preciso construir espelho de múltiplos prismas, capaz de penetrar os desvãos do nosso rosto e interrogar as rugas de nossa memória. Espelho que se vá moldando com o barro de nosso chão e com a poeira alegre de nossos terreiros, que se vá compondo com os objetos colhidos nos baús de nossos ancestrais e nas tendas de nossos feirantes, que se vá urdindo com os cipós da caatinga e com os fios das redes e labirintos, que se vá polindo com a ponta afiada das facas peixeiras e com as espadas alumiosas de nossos reisados, que se ilumine com os círios dos santuários e romarias. Espelho de sol que se aventure com as velas de nossa imaginação encardidas pela brisa atlântica e pelo mormaço dos carrascais.

Talvez a luz de tal espelho, feita de calor e cristal, possa aclarar os caminhos dos muitos cearás. Dos cearás do sertão, das serras, das praias e dos vales úmidos. Dos cearás das chuvas e das secas, da fartura e da fome. Dos cearás do gado, do algodão, do caju, da oiticica e da carnaúba. Dos cearás de taipa e cimento armado, de marcas de ferro e grafites. Dos

cearás dos vaqueiros, pescadores, artesãos, mascates, moleques e santos guerreiros. Dos cearás do charque, da farinha, do milho, da moda, do cinema e da rapadura. Dos cearás das rebeliões visionárias, dos coronéis impiedosos e dos poetas irreverentes. E dos muitos outros cearás que se possa descobrir.

Talvez o brilho de tal espelho faça algum narciso às avessas, aguçar a memória e mirar pela primeira vez com espanto e prazer seu rosto caboclo. Talvez o ajude a perceber como suas as mãos hábeis e ligeiras das rendeiras, a língua astuta e prolixa dos camelôs e repentistas, os pés andarilhos dos retirantes, as pernas arqueadas dos vaqueiros, o andar ondeante do jangadeiro, a dança sapateada dos brincantes, o riso trocista dos caretas e mateus e o canto anasalado das beatas.

Forjar a face de um espelho que, aos poucos, nos revele os traços, não é tarefa fácil. Nos anima saber que ajudará um povo, carregado de sonhos e miudezas, a melhor receber seus hóspedes e a projetar, mundo afora, a formosura de sua imagem.

CEARÁ: UMA CULTURA MESTIÇA

Como quase todo o Brasil, o Ceará tem uma cultura mestiça, formada a partir de etnias oriundas de três continentes, branca-europeia, afro-negra e ameríndia. Se comparado aos demais Estados brasileiros e nordestinos, chama a atenção uma maior contribuição ameríndia, ao lado da sempre hegemônica presença branca de origem europeia e de uma relativamente menor participação negra, na conformação étnica de sua gente e de sua cultura.

Some-se a isto uma série de outros fatores, cuja enumeração faremos a seguir. Entre eles, a colonização retardada (em pelo menos cem anos) de seu território, acentuando a persistência de traços indígenas. Em seguida, a ocupação pela civilização branco-europeia sendo feita a partir do interior em direção ao litoral. Do ponto de vista geográfico, a ausência de zonas de transição (agreste e mata) entre sertão e litoral, determinando o largo predomínio do semiárido e diferenciando-o de outros Estados nordestinos. No que se refere à economia, os diversos ciclos, pelos quais passou sua história, notadamente o da pecuária e o do algodão, mas também o da carnaúba, o do caju etc. Como tipos característicos, a presença marcante do vaqueiro nos primeiros séculos da colonização determinando muitas

das peculiaridades do cearense, além da presença de outros tipos como o jangadeiro, o roceiro, a rendeira etc. Em relação ao clima, as estações que dividem o ano em um período chuvoso e outro sem chuvas. Além disso, o fenômeno da seca que com o adensamento da população transformou-se em catástrofe social, desorganizando periodicamente a sociedade com a intensificação do êxodo rural. Ainda do ponto de vista geográfico, as diversidades sub-regionais, incluindo sertão, litoral, serras e vales úmidos, e a existência do Cariri, zona de exceção dentro do semiárido, verdadeiro caldeirão de culturas. No que diz respeito à atividade produtiva, a ausência de uma tradição agroindustrial marcante compensada por uma vocação comercial e artesanal notável. Quanto à vida social, a urbanização recente e o crescimento agigantado de Fortaleza, a modernização acelerada da sociedade coexistindo com formas arcaicas de cultura e o aguçamento das desigualdades e dos contrastes sociais. Vale acrescentar, a presença dos santuários de Juazeiro do Norte e de Canindé, os dois maiores centros do catolicismo popular no Nordeste. E ainda, o nomadismo, o despojamento, o desapego à terra e ao patrimônio, a inventividade e o espírito aventureiro, a hospitalidade, o cosmopolitismo, a molecagem e outras tendências psicossociais de sua gente. Enfim, estes e uma série de outros traços e fenômenos com implicações sócioculturais, que somados ajudaram a tecer o amálgama cultural que informa a originalidade do Ceará.

A CULTURA DO SERTÃO

O sertão semiárido, com sua economia fundada nos ciclos do gado e do algodão, ocupando quase todo o território cearense, é responsável pelas características principais da cultura cearense. Nele, por quase dois séculos, dominou o que Capistrano de Abreu chamou de *civilização do couro*, onde quase tudo girava em torno do boi. Do seu couro eram feitas as tiras que amarravam a taipa das paredes da casa, se fazia a mobília, o vestuário, as máscaras e inúmeros outros objetos. A carne comia-se nas três refeições ou transformava-se em charque, para vender. O leite bebia-se quatro vezes ao dia, virava manteiga, queijo, doce ou coalhada. Até hoje, no sertão, do boi, nem mesmo o berro se perde, porque imitado pelo vaqueiro em seus aboios longos e tristonhos.

Os traços dessa cultura vaqueira ainda influenciam fortemente o imaginário sertanejo. Seus marcos são as fazendas de gado, outrora enor-

mes territórios a estenderem-se em volta de uma casa-grande de paredes grossas, muitos alpendres, grandes depósitos e pouca mobília. Nelas moram os fazendeiros com suas famílias, rodeados pelas casas de taipa de seus agregados, pelos engenhos de rapadura, aviamentos de farinha, roças de subsistência e oficinas artesanais onde se sobressai a figura do mestre seleiro. A festa mais importante, ainda hoje, ocorre na data do santo padroeiro que, até o século passado, se fazia coincidir com a apartação do gado, da qual se originou a atual vaquejada.

Nos meados do século XIX, toma vulto o cultivo e o comércio do algodão, obrigando roceiros e fazendeiros a levantarem cercas para demarcar seus espaços. O boi passou a ser criado em confinamento, a população adensou-se, obrigando o desenvolvimento da produção de alimentos. Apareceu a figura do roceiro, desenvolveu-se o comércio, antes restrito às feiras e aos mascates que percorriam o interior. Surgiram as cidades, não apenas em torno das fazendas (como no início), mas também no cruzamento de caminhos e em volta dos portos de embarque do algodão e de outros produtos de exportação.

O sertanejo em geral, a exemplo do vaqueiro, seu tipo mais característico, é profundamente religioso. Devoto do santo padroeiro de sua freguesia, sua religião mistura elementos do catolicismo ortodoxo e de rituais mágicos populares, originários de cultos animistas africanos e ameríndios. É ao mesmo tempo penitencial e festeira, fatalista e terrena, punitiva e redentorista. Expressa-se nas romarias, como a de Canindé, e nos ritos das irmandades de penitentes, mas também nas festas de padroeiro, renovações de santos, danças devocionais de São Gonçalo, lapinhas e pastoris. Inclui o uso de patuás, relíquias, escapulários, *ex-votos*, rezas fortes, superstições, mastros, cruzeiros, altares naturais e de carregação, salas de santos e outros objetos, instalações e procedimentos mágicos.

A diversão do sertanejo, pelo menos até meados deste século, era cachaça e samba. Samba de terreiro ou latada, baile rústico ao som da rabeca, da viola e, mais recentemente, da sanfona. Além disso, eram as festas da Igreja Católica, os batizados, os casamentos e as festas de padroeiro, com suas quermesses e leilões. Hoje, além dessas, são os forrós e as vaquejadas.

Na época natalina, formam-se os pastoris e brinca-se o boi, nos reisados de caretas (ou de couro), folguedo onde o boi é a figura principal, acompanhado de Pai Francisco (o vaqueiro) e de Catirina (sua mulher).

Entram no brinquedo ainda outras figuras, como o Doutor, o Padre, o Urubu, o Babau, o Jaraguá, a Ema e a Burrinha.

A introdução das relações capitalistas no meio rural, a divisão das propriedades, a decadência da pecuária, o quase desaparecimento da criação extensiva, o empobrecimento da flora e da fauna, o tempo e a modernidade, enfim, modificaram a vida no sertão e o próprio vaqueiro.

Ele, que antes, nas fazendas de gado, constituía um segmento de profissionais de elite, hoje, pouco difere dos demais trabalhadores rurais. Virou assalariado como os outros, ganhando remuneração miserável, por volta de um salário mínimo.

As mudanças nas relações de trabalho se resultaram na quebra dos laços de dependência, entre patrão e vaqueiro, provocaram também a ruptura dos laços de amizade e lealdade. Se desapareceram as relações de sujeição, desapareceu também o compadrio e a afetividade, que possibilitavam gestos de generosidade, por parte do fazendeiro.

Como conseqüência, o vaqueiro troca com freqüência de fazenda. Falta-lhe segurança no emprego. Nas travessias com o gado, foi substituído pelo caminhão. Pouco se liga à terra, ao gado, à fazenda e ao patrão. Seu nomadismo por vocação, tornou-se uma imposição do meio social. Migra com facilidade, mudando de profissão.

Em contrapartida, cresceu entre os vaqueiros e demais trabalhadores rurais, a inclinação gregária, o sentimento de pertença a uma mesma classe, a solidariedade e a tendência a somar forças em defesa de reivindicações comuns. Por isto, o aparecimento de associações reunindo a categoria que, além da defesa dos interesses dos associados, organizam missas, cortejos, festas e outros eventos, para promover a outrora legendária figura do vaqueiro. São conhecidas as atividades das associações de vaqueiros de inúmeros municípios, entre eles Canindé, Morada Nova e Tauá.

A cozinha sertaneja, a exemplo da cearense em geral, é a fusão do tempero antigo de Portugal, dos seus modos tradicionais de fazer doces e conservas (que inclui a herança moura, sarracena e árabe), com a alimentação indígena, os frutos da terra, a mandioca, o milho e as batatas, além de elementos vários de origem negro-africana. Sua culinária é sazonal, divide-se em uma culinária da estação chuvosa e uma culinária do verão. Explode em abundância na época da colheita, que corresponde às festas juninas (Santo Antônio, São João e São Pedro), quando mostra toda a sua pujança. No sertão domina a carne e o leite, embora apareçam também o milho, a mandioca, o feijão e o arroz (que, juntos, viram baião de dois).

Além do artesanato em couro, que tem na arte do seleiro seu núcleo central, encontra-se um sem número de outros artesanatos, com destaque para os trançados de palhas, cipós e fibras vegetais, para a louça de barro e o fabrico da rede.

A CULTURA DO LITORAL

O litoral cearense, extenso e arenoso, embora marcado por traços da cultura do sertão, que muitas vezes chega até ele, guarda peculiaridades que lhe dão feições culturais próprias. Sua cultura gira em torno da pesca e outras atividades artesanais. Tem no jangadeiro e em sua mulher, rendeira ou labirinteira, seus tipos característicos. O jangadeiro é o pescador de águas salgadas, que utiliza a jangada como embarcação, por ele próprio fabricada.

Como resultado do aperfeiçoamento das antigas embarcações indígenas, operado por influência da arte náutica ibérica, surgiu a jangada imortalizada pelos poetas e feitos dos jangadeiros. Em seu tamanho maior, ela tem de seis a sete paus (duas bordas, dois meios e dois ou três centros), mede de 8 a 9 metros de comprimento, por 1,80 m. a 2 m. de largura. Em seguida, aparece a jangada tipo paquete (de 4,50 m por 1 a 1,30 m). O bote (de 3 m por 80 cm) é a menor delas. As jangadas grandes costumam levar quatro tripulantes: o Mestre, o Proeiro, o Bico-de-proa e o Contrabico.

As jangadas eram construídas, antigamente, pelos próprios jangadeiros, em processo totalmente artesanal, com rolos de madeiras leves, como a piúba e a timbaúba, justapostos e unidos por espeques de madeira. Com o escasseamento destas madeiras, entretanto, e para permitir melhor abrigo nas viagens mais longas, de algumas décadas para cá, as jangadas passaram a ser feitas de tábuas, tendo um porão, que permite não só o armazenamento do pescado, mas até o descanso dos pescadores. As velas tradicionalmente são confeccionadas de algodãozinho branco, porque pegam melhor o limo da maresia e a gordura do peixe, ficando mais resistentes com o tempo.

No litoral Oeste do Estado, principalmente nos municípios mais próximos ao Piauí, como Camocim e Acaraú, a jangada é substituída pela canoa, como embarcação preferida dos pescadores. A canoa, que também é impulsionada por uma vela triangular, embora mais rápida quando pega vento, tem a desvantagem de naufragar com maior facilidade.

Jangadas e canoas não permitem permanências prolongadas no mar, com pernoites repetidos. Geralmente, quando as utilizam, os pescadores embarcam madrugada cedo e voltam à tardinha, estacionando suas embarcações para a pesca de linha, ou tarrafa, na risca do horizonte (quando visto de terra, claro). Para a pesca da lagosta, que exige percursos mais longos e permanências mais demoradas no mar, são utilizadas lanchas, isto é, barcos lagosteiros a motor.

Além da pesca mar a dentro, no litoral cearense é praticada a pesca de arrastão ou de linha, à beira-mar, e a pesca de curral, com os pescadores tomando o curioso nome de vaqueiros, pois, segundo dizem "criam peixes". Há ainda a pesca, na foz dos rios, realizada em botes ou pequenas canoas, praticada, quase sempre, por aqueles que "não se dão" com o balanço do mar.

São estas as embarcações "cavalgadas" pelo pescador cearense, em suas lidas marítimas, nas quais passa metade de sua vida, homem anfíbio que é, meio do mar, meio da terra. Navegador pouco afeito às longas travessias, suas incursões limitam-se às proximidades do litoral. Mais lírico do que épico, o mar concentra seu espírito, como algo maravilhoso e cheio de mistério, mas não para ser vencido ou dominado. Ao contrário do vaqueiro que objetiva vencer o boi, o pescador vive na defensiva, a um só tempo ele deseja e teme o mar, nunca o ataca.

Um tanto desligado da vida em terra, o pescador é um imaginoso. Na solidão das águas seu espírito solta-se em histórias inverossímeis e ocorrências extraordinárias: narrativas de naufrágios e salvamentos miraculosos, aparições de seres encantados e animais humanizados, piratas, corsários, aventureiros vários, sereias, toninhas que protegem os náufragos, tubarões assassinos, baratas do mar, botos, peixes voadores etc. Também as furnas, pedras e lagos do litoral estão povoados de mistério. Correm lendas sobre serrotes encantados, aventureiros perdidos, princesas prisioneiras, pedras que soam, furnas que dão acesso a cidades subterrâneas, tesouros guarnecidos por monstros, pedras que se enchem e se esvaziam com a respiração do mar, ou os mais estranhos acontecimentos que se possa conceber. Em algumas praias, como Jericoacoara, por exemplo, todo um complexo de mitos e lendas, narrado por seus contadores de história, povoa o imaginário dos nativos.

A casa do pescador, que já foi tradicionalmente de palha de coqueiro, hoje é de taipa, à semelhança das habitações da gente pobre da zona rural.

Casa pequena, com chão de areia solta, dois ou três compartimentos e, quando muito, um alpendre (uma puxada, como dizem) na frente. Quando está no mar, o pescador veste calça e blusa frouxas de algodão tingido com cascas de árvores, como o cajueiro. Usa na cabeça chapéu de palha pintado de branco, em tinta impermeável. Sua esposa ocupa-se dos serviços domésticos e dos artesanatos do labirinto ou da renda, da confecção de tarrafas e redes de pesca ou do crochê.

Quando está em terra, o pescador ocupa o tempo bebericando aguardente de cana nos botecos, embalado pelo som de um violão, por canções cheias de nostalgia e histórias de mar. Gosta de folguedos. A dança do Coco de Praia, a Caninha Verde, o Fandango, o Reisado de Caretas, os Pastoris, as Congadas e o Teatro de Bonecos (Cassimiro Coco ou mamulengos) são os mais tradicionais.

Os homens velhos e mesmo os moços impossibilitados (por falta de gosto ou de saúde) para as tarefas do mar, ainda assim, ocupam-se de atividades a ele ligadas. São peixeiros (vendedores de peixe, que saem com pencas deles amarradas nas extremidades de uma vara, apoiada no ombro), ou artesãos vários. Compõem desenhos em garrafas, utilizando as areias coloridas das dunas, fabricam miniaturas de jangadas e outras embarcações em madeira mole, esculpem figuras em cascos de tartaruga, etc.

As mulheres dedicam-se ao paciente artesanato do labirinto e da renda, que lhes preenche o dia, enquanto aguardam a volta dos filhos e maridos, ocupados na pesca. Sentadas em posição oriental, tendo à frente suas almofadas ou bastidores, as rendeiras e labirinteiras, junto com suas artes, compõem a paisagem tradicional de nossas praias.

No Ceará, a renda e o labirinto espalharam-se (especialmente do século XIX aos meados do século passado) por todo o litoral, introduzindo-se numerosas vezes no interior. Ainda hoje, podem ser vistas em comunidades pesqueiras de muitas das nossas praias, mesmo naquelas onde o cotidiano foi tomado pela presença de turistas, como em Jericoacoara, Prainha e Canoa Quebrada. Tal foi a incidência destes artesanatos em nosso Estado, que por muito tempo o Ceará foi conhecido como a *terra da mulher rendeira*, personagem imortalizada na famosa modinha criada por Lampião. Em alguns lugares, como no município de Cascavel, é também ocupação tradicional de homens e mulheres a fabricação de louça de barro.

Na alimentação tradicional da população praiana, domina o pescado e o caju. Os peixes e crustáceos aparecem na forma de vários pratos, entre

eles a peixada, o peixe frito passado na farinha, o peixe na água grande, o peixe à delícia, a lagosta ao natural, os casquinhos de siri, a sopa de cabeça de peixe, o peixe cozido com caju azedo, a carangueijada, etc. O caju é aproveitado ao natural, ou como: caju cristalizado, carne de caju, doce de caju em calda e em massa, mocororó, cajuína, suco de caju, castanha assada, tijolinho de castanha, batida de caju etc. Há ainda a fruta do murici, com sua apreciada cambica.

A CULTURA DO CARIRI

O grande Cariri compreende territórios não só do Ceará, como também de Pernambuco e da Paraíba, incluindo regiões de serras (Araripe, Caririaçu e Borborema), sertões e vales. No Ceará, localiza-se no extremo sul do Estado, abrangendo 25 municípios e uma área razoavelmente povoada, que tem como centro político e econômico o chamado Vale do Cariri, formado por terrenos especialmente férteis, que reúne os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, cujas sedes, ligadas por largas avenidas, formam hoje, praticamente, uma mesma unidade urbana. Fazem parte do Cariri cearense, além dos municípios citados, Missão Velha, Jardim, Araripe, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Santana do Cariri, Abaiara, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte, Porteiras, Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Caririaçu, Farias Brito, Granjeiro e Várzea Alegre.

Considerada uma espécie de oásis em meio ao semiárido, a região do Cariri sempre foi vista como um território especial dentro do Nordeste brasileiro, tanto por sua localização (no centro geográfico da região), quanto pela excelência de seu solo e de seu clima, entre outros fatores. Em épocas pré-cabralinas foi domínio da nação dos cariris, espécie de reduto sagrado dos indígenas, que combateram tenazmente em defesa de seu território, por mais de 30 anos, o invasor branco. No Brasil Colônia, atraiu exploradores vindos dos mais diferentes centros de irradiação colonizadora, localizados na costa e no interior brasileiro, desde São Paulo, passando pela Bahia e Pernambuco e indo até o Maranhão, que nele se estabeleceram com fazendas de gado e engenhos de rapadura.

A estas migrações, somou-se uma outra, iniciada em 1898, a partir do chamado milagre de Juazeiro que, alimentada por motivações religiosas, continua a atrair para a região, populações de peregrinos procedentes de todo o País, especialmente do Nordeste. Cabe assinalar, também, que por

ocasião das secas periódicas que se abatem sobre o semiárido, o Cariri funciona ordinariamente como refúgio de flagelados.

Esta capacidade particular de atração sobre a população dos Estados próximos (e até mais distantes), fez do Cariri, não apenas uma região privilegiada, em termos de cultura, dentro do Ceará, mas o transformou numa espécie de caldeirão cultural do Nordeste. Nele se cruzaram e se cruzam correntes migratórias provenientes tanto das zonas canavieiras da Bahia e de Pernambuco, onde a presença do negro é marcante, como dos sertões profundos da Bahia e do Piauí (com seus remanescentes indígenas), sem falar na Paraíba, no Rio Grande do Norte e nas Alagoas, Estado que, no século passado, parece ter dado a maior contribuição para o enriquecimento cultural da região. Desta maneira, os vários Nordestes, o do sertão, o da mata, o do agreste, o da praia, o da serra, com suas diferentes culturas, estão reunidos no Cariri. Nele se pode encontrar marcas da cultura ibérica medieval, com seus acentuados traços mouriscos, da cultura negra-africana, com suas danças e batucadas, da cultura ameríndia com sua magia anímica, caldeadas com elementos modernos das mais diferentes proveniências.

A partir do Juazeiro do Norte, onde o zelo do Padre Cícero pela arte do povo foi exemplar, esta cultura explode em exuberância. Aquele sacerdote, uma espécie de santo popular para os nordestinos, não apenas organizou a cidade em torno de ofícios, mas transformou o exercício das diferentes artes, em práticas religiosas, missões dadas por ele, em nome de Deus, às quais os artistas deviam se dedicar e deixar como herança para seus filhos e netos.

Daí a origem da mística que encerra o trabalho dos artistas e artesãos, não apenas do Juazeiro, como de todo o Cariri e até mesmo de outras regiões onde chega a influência do santo sertanejo. Mais que um meio de prover a subsistência em sua materialidade, é uma expressão de vida e de fé, uma forma de transcendência e de afirmação do espírito. Formas estas que se renovam anualmente, em cada grande romaria, quando levas de romeiros trazem seus *ex-votos*, cantos, danças e outras formas de devoção, para o santuário do Juazeiro do Norte, considerado, hoje, a grande meca dos nordestinos, centro do território sagrado do "Meu Padim Padre Cíço", como lhe chamam os romeiros.

Toda esta cultura, alicerçada na tradição e no sagrado, nascida em terreiros e oficinas caseiras, exibe-se em feiras, como as do Crato e de Potengi, e em festas, como a dos Caretas, em Jardim, ou a de Santo Antô-

nio, em Barbalha. Às vezes, feiras e festas se confundem, nas milhares de tendas e pequenas barracas armadas ao longo das ruas e caminhos, durante as romarias de Juazeiro ou nas festas de padroeiro. Outras vezes, antigos feirantes se ocupam em mercados, em numerosas casas de comércio, e até em lugares especializados em arte, como o Centro Cultural Mestre Noza e a Editora de Cordel Lira Nordestina, em Juazeiro do Norte, ou a Casa do Homem Cariri, em Nova Olinda. Mas não é raro se ver as ruas e caminhos cortados por grupos de brincantes e devotos, agrupados em reisados, bandas cabaçais, lapinhas e pastoris, ou em irmandades de penitentes e de dançadores de São Gonçalo.

Hoje, o território cultural do Cariri tem como centro a grande imagem do Pe. Cícero, erguida no cimo da Serra do Horto, marco do mundo romeiro.

A CULTURA DAS SERRAS

Encravadas no sertão semiárido, as serras não se constituem de todo uma região cultural à parte, no Ceará. Suas vegetações de mata, seus climas temperados, suas divisões em pequenas propriedades, entretanto, junto com outros fatores, fazem decorrer variações culturais, não de todo insignificantes. A começar pelo temperamento do homem serrano, bem mais tranquilo e pacífico que o sertanejo. A ele não é exigido, nem a economia de energia, nem os grandes rasgos de coragem, que caracterizam o homem do sertão.

Talvez o traço que mais diferencie a cultura das serras, seja a maior presença do negro, assim como do trabalho coletivo, decorrente da incidência mais numerosa de engenhos de rapadura e alambiques de aguardente. Isto é notável, principalmente na Serra do Araripe, mas também na Ibiapaba e nas serras de Aratanha e Baturité. Ao mesmo tempo, observa-se, em algumas delas, a permanência marcante de traços indígenas, notadamente na arquitetura popular, no mobiliário e acervo de utensílios domésticos, na Ibiapaba, mas também na Serra da Meruoca, próximo a Sobral. Chama a atenção, a qualidade da louça de barro da Ibiapaba, onde se destacam as feiras de São Benedito e Ipu, bem como do artesanato de trançado, especialmente o de palha e fibras vegetais (que chegou a constituir o principal sustentáculo econômico da Serra de São Pedro, onde fica a cidade de Caririaçu).

A culinária é enriquecida com os derivados da cana-de-açúcar, o açúcar mascavo, o mel com farinha, queijo ou batata doce, o puxa-puxa, o alfenin, a batida, a rapadura, a aguardente, o caldo-de-cana, o rolete-de-cana, etc. Como a fruticultura é abundante, multiplicam-se os doces, inclusive de buriti. Entre os folguedos encontram-se vários tipos de reisados, como o Reisado de Bailes (serra do Araripe), o Reisado de Caboclos (na serra da Meruoca), o Reisado de Caretas (na serra de Baturité), etc. E, ainda, a dança do coco de roda (na serra do Araripe), os dramas (na serra de Baturité), a dança de São Gonçalo, etc.

Todo este imenso acervo cultural, herdado de nossos antepassados, é legado dos mais preciosos, cuja guarda e proveito cabe às novas gerações. Devemos dele fazer uso, não o dilapidando ou tornando-o estático e fechado a mudanças e influências exteriores, pois isto significaria seu definhamento. Mas renovando-o e enriquecendo-o frente aos desafios que o presente nos coloca, seja no diálogo com outras culturas, seja com a soma de novas invenções.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo: Terra de Sol - Natureza e Costumes do Norte; 5a. ed.; Rio de Janeiro, Livraria São José (publicado em 1a. edição em 1912), 1956.: Ao Som da Viola; 2a. ed.; Rio, 1949.

BARROSO, Oswald: Reis de Congo - Teatro Popular Tradicional; Fortaleza, MinC/Flacso/MIS, 1996. : Romeiros; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto/URCA, 1989.

BEZERRA, Antônio: Algumas Origens do Ceará; edição fac-similada comemorativa do 1o. Centenário do Instituto do Ceará; Fortaleza, Instituto do Ceará/ BNB, 1987.

CAMPOS, Eduardo: Estudos de Folclore Cearense; Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960.: Revelações da Condição de Vida dos Cativos no Ceará; in Da Senzala para os Salões (Coletânea). pp. 21 a 73; Fortaleza, Secretaria de Cultura, 1988.

CARIRI, Rosemberg e BARROSO, Oswald: Cultura Insubmissa: estudos e reportagens. Fortaleza: Nação Cariri, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara: Vaqueiros e Cantadores; Porto Alegre, Livraria do Globo, 1939.: Antologia do Folclore Brasileiro: São Paulo, Livraria Martins,

s/d.: Tradições Populares da Pecuária Nordestina; Documentário da Vida Rural No. 9; Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1956.: Dicionário do Folclore Brasileiro; 930 p., edição de bolso; Rio de Janeiro Ediouro/Texnoprint, sem data, s/d.

FACÓ, Rui: Cangaceiros e Fanáticos. 1a. ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.

FIGUEREDO FILHO, J. de: O Folclore no Cariri; Crato, 1960.

LEAL, Vinícius Barros: O Bumba Meu Boi - uma nova abordagem; in Monografias Premiadas, 82 p.; Fortaleza, Secretaria da Cultura, 1982.

RIDEL, Oswald: O Escravo no Ceará; in Da Senzala para os Salões (Coletânea), pp. 15-20; Fortaleza, Secretaria de Cultura, 1988.

SERAINE, Florival: Folclore Brasileiro - Ceará; 64 p.; Rio de Janeiro, Funarte, 1978. : Antologia do Folclore Cearense; 355 p.; Fortaleza, Ed. UFC, 1983.

SOUZA, Simone de (organizadora): História do Ceará; Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/Nudoc, 1994 (Texto publicado no Atlas Escolar do Ceará, Editora Grafest, João Pessoa, 2000.)